

Por uma Arqueologia Histórica da cidade de Manaus

For a Historical Archaeology of the City of Manaus

Enviado em: 15/06/2020

Aceito em: 04/06/2021

Flávia de Oliveira Fernandes¹

Tatiana de Lima Pedrosa Santos²

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar algumas considerações da interface da Arqueologia Histórica na cidade de Manaus, socializando também as pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica – NIPAAM, referentes a este campo. A Arqueologia Histórica contempla o estudo da cultura material do passado mais recente compreendendo diversidade de fontes disponíveis, em meio aos processos de transformação desde a chegada dos colonizadores, até um limite temporal não estabelecido, sendo consolidado na década de 1960 nos Estados Unidos (ORSER, 1992; LIMA, 1988; FUNARI, 2005). Com abordagem qualitativa, nos apoiamos tanto nas questões teórico-metodológicas da Arqueologia Histórica como na interdisciplinaridade, pois além da Arqueologia, a cultura material é objeto de estudo de diversas áreas, como a História, a Antropologia, a Museologia entre outras áreas do conhecimento, estando ligada diretamente ao patrimônio cultural, sendo este, uma de suas vertentes. Percebe-se que ao longo dos anos, a grande lacuna referente as pesquisas desenvolvidas e sua publicação em diversos meios, mostram a necessidade de reverter este quadro no que diz respeito ao compartilhamento de conhecimento produzido sobre essas materialidades, influenciando para o resgate ou construção de um passado manauara, sua valorização e preservação.

Palavras-Chave: Arqueologia Histórica; Cultura Material; Manaus; NIPAAM; Patrimônio Cultural.

1 Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas (PPGICH/UEA). Bacharela em Arqueologia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Licenciada em História pelo Centro Universitário do Norte (UNINORTE). Pesquisadora no grupo de pesquisa do CNPq – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (NIPAAM). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). E-mail: flavia.dof3@gmail.com

2 Doutora e Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), com área de concentração em Sociedade, Cultura Material e Povoamento. Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas (PPGICH/UEA). Coordenadora do grupo de pesquisa do CNPq – NIPAAM. Arqueóloga responsável pelo Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza, SEC-AM. E-mail: tatixpedrosa@yahoo.com.br

Abstract

The objective of this article is to present some considerations of the interface of Historical Archaeology in the city of Manaus, also socializing the research developed by the Interdisciplinary Center for Archaeological Research of the Amazon Basin - NIPAAM, referring to this field. Historical Archaeology contemplates the study of the material culture of the most recent past, comprising a diversity of available sources, in the midst of the transformation processes since the arrival of the colonizers, up to an unstated time limit, being consolidated in the 1960s in the United States (ORSER, 1992; LIMA, 1988; FUNARI, 2005). With a qualitative approach, we rely on both theoretical and methodological issues of Historical Archaeology and interdisciplinarity, since in addition to Archaeology, material culture is the object of study in several areas, such as History, Anthropology, Museology, among other areas of knowledge, being directly linked to cultural heritage, this being one of its aspects. It is clear that over the years, the great gap regarding the research developed and its publication in various media, show the need to reverse this situation with regard to sharing of knowledge produced about these materialities, influencing the rescue or construction of a past in Manaus, its valorization and preservation.

Keywords: Historical Archaeology; Material Culture; Manaus; NIPAAM; Cultural Heritage.

Introdução

Traçar numa perspectiva linear a História de Manaus, nem sempre será fácil, tendo em vista que essa história pode ter como marco o encontro entre o europeu e as muitas sociedades indígenas que se encontravam na região (SANTOS, 2012; SAMPAIO, 2012). Ora, a ocupação européia e a posse da Amazônia ao longo do século XVII e XVIII se dará na maioria das vezes, através de uma égide marcada pela violência e a brutalidade para com as sociedades indígenas e com a dinâmica intensa das disputas de poder.

A própria imprecisão cronológica em que é comemorado o aniversário de Manaus, denota uma incerteza com o tratamento das fontes. A cidade que tem como marco sua fundação no entorno do Forte da Barra tem na posse e ocupação territorial, um início que demonstra coadunar com a dinâmica civilizatória e a prática de silenciamento dos povos que aqui viviam.

Nesse sentido sabendo que a cultura é um intrincado produto de padrões complexos de comportamento (GEERTZ, 1978), podemos dizer que o processo

de colonização muito implicou num modelo civilizatório transplantado para a região através de Portugal e que incidirá diretamente na desestruturação de costumes, hábitos e usos, das muitas etnias que coabitavam a região.

Destarte há de se destacar que Manaus irá crescer através de modelos de vilas urbanizadas e implantadas com o objetivo de aplainar a paisagem, muitas vezes considerada como um inferno verde, e transformar indígenas em trabalhadores.

Ao longo do tempo Manaus só irá crescer e desenvolver-se de forma que rapidamente vemos uma vila tomar aspectos de cidade. Esse plano urbanístico começa a ser tratado segundo Maxwell (1996), através das tratativas da coroa portuguesa que precisa integrar a região amazônica ao restante do território português rapidamente, transformando-o em uma região economicamente rentável. Era preciso transformar a Amazônia, e nesse sentido as ações pombalinas visavam não só delimitar áreas fronteiriças, como acima de tudo desenvolver o quadro socioeconômico da região.

O desfecho é que rapidamente iremos ter no século XVII a fundação da fortaleza da Barra de São José do Rio Negro, também chamado de Lugar da Barra (Figura 1) o qual é transformada, provisoriamente em 1791 e definitivamente em 1808, em sede da Capitania de São José da Barra do Rio Negro, já em 1832 com a criação da comarca do Alto Amazonas, o Lugar da Barra é promovida à condição de Vila de Manáos, que posteriormente em 1848 passaria a ser cidade da Barra do Rio Negro e finalmente, com a elevação da comarca do Alto Rio Negro à categoria de província em 5 de setembro de 1850, tem seu nome de cidade da Barra do Rio Negro modificado para cidade de Manáos em 1856 (Figura 2), atual Manaus, (MESQUITA, 2006).

Figura 1. Prospecto da Fortaleza do Rio Negro. Autor: Eng. João André Schwebel, 1756.

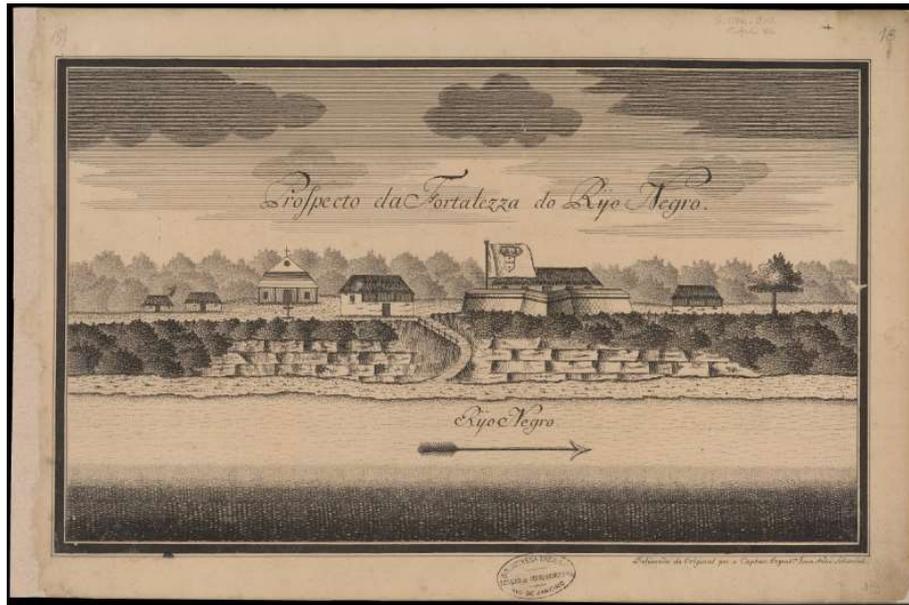


Figura 1. Prospecto da Fortaleza do Rio Negro. Autor: Eng. João André Schwebel, 1756. Fonte: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1095066/mss1095066.pdf



Figura 2. Planta da Cidade de Manaus elaborado em 1852 por J. B. de F. Tentr.º Aranha. Fonte: Álbum Estado do Amazonas 1899, Arquivo do IPHAN-AM.

Essas linhas gerais sobre Manaus nos remetem a inúmeras questões que vem sendo levantadas pela historiografia e que vem contribuindo para a construção cartográfica de uma história da cidade de Manaus.

Assim sendo, as pesquisas na Arqueologia Histórica da cidade de Manaus, não podem de forma alguma desconsiderar a construção da história de Manaus, que vem se dando ao longo do contato e muitas vezes possuindo lacunas que podem ser preenchidas pelas pesquisas desenvolvidas pelos arqueólogos da região.

Ao trabalhar com memórias resgatadas através dos muitos sítios arqueológicos espalhados pela cidade, essa arqueologia beira muitas vezes a uma indeterminação posto não saber estabelecer diálogo entre os fragmentos do passado deixados no solo e a documentação historiográfica tão importantes para a leitura do todo.

Assim temos um desafio: questões chaves para a construção de um passado que precisam claramente ser revisitadas pelas pesquisas em Arqueologia Histórica no Amazonas.

Assim este artigo se propõe a apresentar algumas considerações da interface da Arqueologia Histórica na cidade de Manaus, bem como socializar também as pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica – NIPAAM , referentes a este campo, numa tentativa de articular o mosaico de pesquisas que estão sendo levantadas pelos pesquisadores da região e contribuir para o desenvolvimento da disciplina que ainda é muito incipiente na cidade.

Por uma História da Arqueologia Histórica em Manaus

A Arqueologia Histórica contempla o estudo da cultura material do passado mais recente compreendendo diversidade de fontes disponíveis, como os artefatos, estruturas, arquitetura, documentos escritos, informações orais e as imagens pictóricas, em meio aos processos de transformação desde a chegada dos colonizadores, até um limite temporal não estabelecido (ORSER, 1992; LIMA, 1988). Foi consolidada na década de 1960 nos Estados Unidos (LIMA, 1988; FUNARI, 2005), enquanto no Brasil, desde a década de 1930 já haviam pesquisas de cunho histórico e/ou de contato das sociedades indígenas do nordeste, de fortes no sertão baiano, das missões jesuíticas no Sul do país.

Entretanto estes trabalhos não foram publicados, existindo apenas em relatórios ou arquivados (COSTA, 2010). O campo ganha força no país apenas a partir da década de 1980.

Em Manaus, este é um campo ainda muito incipiente, assim como no restante do Brasil, porém, estando bastante atrás em número de pesquisas publicadas comparado com outros estados do país. Assim é preciso ter, sobretudo, serenidade e sagacidade para juntar as peças desse quebra-cabeças imbricado e que portanto, merece ser construído não apenas através da leitura esparsa e superficial do solo manauara, mas através de uma perspectiva em que se possa dialogar com outras disciplinas que fortalecerão a análise e construção da história da cidade.

Essa perspectiva vai ao encontro de entender a cidade como fruto de uma dinamicidade própria, de trocas, informações e disputas de poder (LEGOFF, 1998), na qual as memórias são manifestadas através dos vestígios materiais e imateriais, sejam eles móveis ou imóveis, documentos escritos, iconografia, festas e comemorações, etc., os quais são interpretados de diferentes maneiras. Assim, como bem assinalou Pesavento (2007), a cidade é sobretudo *materialidade*, uma ação humana sobre a natureza, se tornando um *outro* da natureza, mas na sua compreensão é também *sociabilidade* e *sensibilidade*.

Pensar na cidade de Manaus é ter em mente que a mesma foi pensada através de reformas urbanísticas que tinham que levar em consideração o espaço em que se iam erigir as edificações por conta das constantes enchentes do rio. Se fazia necessária subjugar de certa forma a natureza ao seu favor. Para Souza (2008) esta visão era um modelo muito propagado pelos europeus, e uma política urbanística de dominar a natureza.

Segundo Porro (1996), a historiografia tem a ganhar ao fazer uma releitura dos muitos naturalistas e viajantes que singraram os rios da Amazônia. No que tangencia o Lugar da Barra/cidade de Manaus, no século XVIII, destacam-se os viajantes Charles Marie de La Condamine e Alexandre Rodrigues Ferreira. No século XIX temos então a visita do naturalista inglês

Henry Walter Bates, Alfred Russel Wallace, bem como do casal Agassiz (Figura 3).



Figura 3. Manaus: Praia e Cidade em 1865, elaborado pelo Casal Agassiz. Fonte: AGASSIZ & AGASSIZ, 2000.

Segundo Souza (2008), até meados do século XX, só se chegava a Manaus através do rio, especificamente o Negro e esses naturalistas e viajantes são justamente aqueles que atestam a transformação da Manaus provinciana do início do século XX para a Manaus republicana, animada com os progressos da modernidade.

De fato é importante salientar as transformações ocorridas após a Revolução industrial em algumas cidades do globo, como o rápido crescimento das cidades, modificação nas relações sociais de trabalho, entre o campo e a cidade, além de uma crença cada vez maior no progresso em suas diferentes vertentes – científico, econômico, educacional, entre outros –, considerado praticamente como inevitável, mas é somente a partir da metade do século XIX que teremos a criação das cidades modernas e modernos estilos de vida urbanos, assim como a geração de grandes centros urbanos, muitas vezes desproporcionais, os quais canalizavam o fluxo das relações econômicas do mercado capitalista mundial (HOBSBAWM, 1977; HOBSBAWM, 1988).

A cidade vai sofrer um impulso enorme em relação a sua economia com a chegada da Primeira República, impulsionada pelo período da borracha. Isso irá transformar contundentemente a imagem da Manaus provinciana, para a Manaus moderna. E é justamente essa Manaus do final do século XIX e início do XX, que vivencia a *Belle Époque*, higienizada e sanitizada pelos códigos de posturas, que está sendo paulatinamente e ocasionalmente redescoberta através de muitos trabalhos de arqueologia preventiva. Apesar de haver pesquisas historiográficas intensas sobre este período, a arqueologia surge desvendando muitas questões não possíveis de serem abordadas nos documentos históricos.

Ao que tudo indica, os trabalhos em arqueologia histórica na cidade de Manaus parecem pertencer muito mais a uma demanda externa, do que a um crescimento interno propriamente dito. Muito se pode dizer sobre a última década trabalhada em função de uma arqueologia preventiva. Assim podemos citar os trabalhos da busca pelas fundações do Forte, a Catedral Metropolitana no início dos anos 2000 e as obras do programa do PAC cidades históricas³, como é o caso do Projeto de Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial na Requalificação da Avenida Eduardo Ribeiro⁴, e do Projeto de Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial na Requalificação da Praça da Matriz (Praça 15 de novembro)⁵.

É justamente sob esses programas que a Arqueologia Histórica da cidade de Manaus vai se desenvolvendo. Somente nos últimos anos começamos então a perceber uma demanda acadêmica no desenvolvimento de se pensar nessa cultura material como produto importante para o entendimento da História da Cidade.

É o caso dos trabalhos do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica – NIPAAM, instaurado no ano de 2015,

3 Sendo uma vertente do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), iniciado em 2007 pelo governo federal e coordenado pelo Ministério do Planejamento, o programa PAC cidades históricas é criado em 2013, e tem suas ações voltadas para as intervenções em sítios históricos urbanos, tendo como prerrogativa a preservação e valorização do patrimônio.

4 Iniciado em 2015 e encontra-se finalizado, tendo sido coordenado pelas arqueólogas Margaret Cerqueira e Vanessa Benedito.

5 Iniciado em 2016, encontra-se finalizado e também foi coordenado pelas arqueólogas Margaret Cerqueira e Vanessa Benedito.

através do qual estudos voltados para essa vertente passaram a ter mais evidência no estado do Amazonas, não mais com um teor de Arqueologia de Contrato e/ou Preventiva, mas agora com teor acadêmico, levantando questões mais profundas sobre a ocupação humana e povoamento da região, colonialismo, memória, identidade e patrimônio cultural.

O patrimônio cultural, por sua vez, se faz presente em todas as discussões desenvolvidas, visto através de diferentes perspectivas teóricas ou legislativas. No Brasil, de acordo com o artigo 216 da Constituição de 1988, constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Percebe-se uma ampla dimensão do que seja o patrimônio cultural no país, porém, é somente a ressonância capaz de evocar dimensões culturais complexas (GONÇALVES, 2007), favorecendo e fortalecendo esses sentimentos de identificação na população. A partir dessas ponderações, levanta-se a questão do que vem sendo feito na cidade para que se tenha êxito nas ações de envolvimento da população local, na valorização e preservação do patrimônio cultural.

Desta maneira, é relevante discutir sobre o que vem sendo realizado na capital do Estado do Amazonas, dando destaque para os principais trabalhos realizados e defendendo a importância da sua ampla divulgação, pois esta também se enquadra como uma forma de preservação do patrimônio cultural material da região.

E como anda essa Arqueologia Histórica em Manaus?

A Arqueologia Histórica teve uma concentração inicial nas pesquisas realizadas na Catedral Metropolitana de Manaus, no início dos anos 2000, e posteriormente pesquisas foram realizadas em vários imóveis do Centro Histórico de Manaus, os quais são sítios arqueológicos históricos havendo entretanto somente relatórios técnicos sobre os materiais culturais de interesse Histórico resgatados nestes locais e expostos em alguns museus da cidade.

A pesquisa arqueológica na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição – Catedral Metropolitana de Manaus – ocorreu de 15 de abril a 06 de outubro de 2002, gerando alguns relatórios e também a tese de doutorado, de autoria de Marcus Vinicius de Miranda Corrêa, intitulada *Da Capela Carmelita a Catedral Metropolitana de Manaus (AM): Uma Arqueologia da Arquitetura*, defendida na Universidade de São Paulo – USP, no ano de 2005.

Situada no Centro da Cidade de Manaus, sob uma elevação, fruto dos aterros realizados entre os igarapés da Ribeira e Espírito Santo, tendo como objetivos facilitar o acesso pelo lado leste da igreja e fornecer a maior possibilidade de visão para aqueles que chegassem de barco pelo Rio Negro, serviu como ponto de referência por muito tempo na cidade.

A reforma e restauração da Igreja da Matriz já haviam sido iniciadas quando a pesquisa arqueológica foi solicitada. Foram realizadas prospecções nas paredes e pisos da sacristia oeste da igreja, na nave central, na varanda oeste e nos jardins da Catedral. Grande quantidade de material arqueológico foi resgatado, demonstrando também através dos resultados, as várias transformações que a edificação sofreu principalmente entre os séculos XIX e início do século XX (CORRÊA, 2005).

O material coletado dessas intervenções inicialmente ficou sob a guarda do laboratório de arqueologia da Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado do Amazonas, localizado no bairro Centro da Cidade de Manaus e instalado no Centro de Artes Chaminé, posteriormente o laboratório foi transferido para o antigo prédio da Secretaria de Justiça, também localizado no Centro, que funcionava como um depósito de material arqueológico proveniente das escavações pela procura das fundações do forte de São José da Barra do Rio Negro (CORRÊA, 2005), devido à alta demanda de material arqueológico e histórico, foi criado em 2009 o Museu e Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza, no porão alto do Palacete Provincial localizado também no Centro, no qual os materiais dessas pesquisas encontram-se sob a salvaguarda, assim como de outras pesquisas e estudos realizados no Estado do Amazonas, recebendo também doações e dispendo em um mesmo espaço, de uma reserva técnica, além da área de extroversão

de material e laboratório, se tornando um local extremamente importante com uma rica reserva técnica e função social.

Entre os anos de 2002 e 2003, também ocorreu o projeto *Arqueourbs: Arqueologia Urbana no Centro Histórico de Manaus*, coordenado por Paulo Eduardo Zanettini, gerando alguns relatórios técnicos, tinham como objetivo localizar os vestígios da Fortaleza de São José da Barra do Rio Negro, de algumas construções históricas e também ocupações pré-coloniais (LIMA & MORAES, 2010).

Outra pesquisa que gerou publicação, além da tese de Corrêa (2005), foi *Lugares de nossas memórias: A Baratinha*, de autoria de Tatiana de Lima Pedrosa Santos, apresentada na ANPUH no ano de 2015. A cultura material estudada é proveniente também do projeto arqueológico desenvolvido na Catedral, contando exclusivamente com fragmentos de xícara de café do Restaurante A Baratinha que funcionou na cidade de Manaus no final do século XIX e início do século XX.

O curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), entre os anos de 2015 e 2017, teve alguns projetos de iniciação científica voltados para a Arqueologia Histórica, aprovados e financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) através do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), este através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). As pesquisas desenvolvidas geraram algumas palestras, apresentações de trabalho e pôsteres divulgados em eventos científicos e também em escolas públicas e particulares na cidade de Manaus.

Os projetos desenvolvidos pelo NIPAAM (Tabela 1) englobaram variadas temáticas e culturas materiais como as estatuetas de pretos-velhos, as garrafas de água de Melgaço, as louças do período da *Belle Époque* de meados do século XX identificados nos trabalhos de arqueologia realizados na Catedral Metropolitana de Manaus, sobre o próprio o Museu e Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza e as atividades desenvolvidas neste espaço, sobre alguns prédios históricos do Centro Histórico de Manaus, entre

outros, gerando artigos, monografias de conclusão de curso, projetos de dissertações de mestrado e outros projetos de pesquisa como o aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através da Chamada Universal, o qual, este último é uma pesquisa em Arqueologia Histórica dos vidros de remédios farmacológicos, fabricados durante o período áureo da borracha, encontrando-se sob a salvaguarda do Museu e Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza, tendo como alguns objetivos a análise do consumo dos medicamentos neste período, as relações sociais e também a elaboração de um catálogo desses vidros de remédios que ainda será lançado este ano de 2020.

Tabela 1. Pesquisas realizadas pelo NIPAAM no âmbito da Arqueologia Histórica. Foram incluídos apenas os projetos de pesquisas finalizados ou em andamento.

Natureza	Título	Autores
UEA (PAIC) (2015-2016)	Preta Velha e Preto Velho: Interpretando a cultura material de afrodescendentes a partir do tratamento arqueológico	Flávia de Oliveira Fernandes
UEA (PAIC) (2015-2017)	O Caminho das louças: um levantamento histórico-social das louças do sítio catedral	Tammy Rosas Ramos
UEA (PAIC) (2016-2017)	Os remédios da Manaus histórica: seus vidros e significados	Samuel Lucena de Medeiros
UEA (PAIC) (2016-2017)	Sobre sujeitos e objetos: Repensando a Cultura Material através do Museu e Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza	Flávia de Oliveira Fernandes
UEA (PAIC) (2016-2017)	Quanto vale meu pote de barro? Significação e utilização da cultura material na comunidade de São José do Amparo	Marcus André dos Santos B. Rabelo
PPGICH/UEA (Projeto de Extensão) (2015 –Em andamento)	Arqueologia, Patrimônio e Cultura: Os lugares de nossas Memórias	Tatiana de Lima Pedrosa Santos
Universal (CNPq) (2017 - 2019)	Arqueologia, Patrimônio e Cultura: A cura para as feridas recentes e antigas na Belle Époque Amazônica.	Tatiana de Lima Pedrosa Santos
UEA (Monografia de conclusão de curso) (2017)	Do terreiro à sala de estar: um estudo arqueológico da cultura material de pretos-velhos do Museu e Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza	Flávia de Oliveira Fernandes
UEA (Monografia de conclusão de curso)	Águas de Melgaço: a água importada na Manaus da Belle Époque	Samuel Lucena de Medeiros

(2017)		
UEA (Monografia de conclusão de curso) (2017)	A influência histórico-cultural das louças brancas na Manaus Antiga: 1890-1950	Tammy Rosas Ramos
PPGICH/UEA (Dissertação de Mestrado) (2018-2020)	Comprando Saúde: o consumo de remédios e seu contexto na Manaus Antiga (1892-1939)	Samuel Lucena de Medeiros
PPGICH/UEA (Projeto de Mestrado) (2019 – Em andamento)	Políticas Públicas e Patrimônio nos Casarões da Sete	Flávia de Oliveira Fernandes

Fonte: Adaptado pelas autoras com base em SANTOS, T. et al. (2018).

Além destas publicações e pesquisas no meio acadêmico, há também um meio de circulação alternativo, a *Série Memória*, editado pelo Governo do Estado do Amazonas e divulgado através da Secretaria de Estado de Cultura, que tem como objetivo levar ao conhecimento da população, principalmente a Manauara, temas da história, arqueologia, antropologia entre outros ligados ao Patrimônio Histórico e Artístico do Amazonas.

De memórias e objetos

Quando a cultura material é reconhecida coletivamente como patrimônios culturais, destaca-se sua mediação não só entre o passado e o presente, mas também com diversas outras questões e ressignificações. Apenas aglomerá-los em laboratórios, museus e reservas técnicas não permitem que um amplo público tenha acesso ou possibilite um sentimento de pertença, é necessário dar voz através de diferentes meios e divulgações, trazendo à tona dessa forma a importância da educação patrimonial, realizada em diferentes momentos pelo NIPAAM em escolas e diferentes eventos. Ainda assim, de modo geral, grande parte das pesquisas relacionadas à Arqueologia Histórica no Estado do Amazonas encontram-se apenas em relatórios provenientes de Arqueologia de Contrato e/ou Preventiva, sem publicações no meio científico, acadêmico ou outro tipo de meio.

Faz-se premente a necessidade de desenvolver cada vez mais a Arqueologia Histórica da cidade Manaus, envolvendo outros períodos, além dos já citados nos estudos produzidos, e novas problemáticas, a fim de tecer reflexões entre a cultura material e sua importância social, cultural, simbólica, memorial, patrimonial entre tantas outras categorias, desvelando cotidianos e histórias até então desconhecidos. Nós precisamos, sobretudo, apontar considerações em ramos da arqueologia que ainda não “vingaram” aqui, como é o caso da presença de escravos africanos no Amazonas, sobre os quilombos e mocambos, por muito tempo negado na região, mas que nas últimas décadas a historiografia e a antropologia tem se debruçado sobre essas temáticas.

Considerações Finais

Através da arqueologia histórica é possível estabelecer uma relação importante de levantamentos de dados sobre o passado de uma maneira contínua e com ferramentas importantes para compreensão do presente e um possível diálogo com futuro. Dessa forma, faz-se urgente acelerar as dinâmicas sociais que envolvem a preservação do patrimônio através dos trabalhos de arqueologia histórica já que este desenvolve o importante trabalho no que tangência a história, a memória e a identidade coletiva do povo Manauara.

O grande desafio então passa a ser em como encaramos as dinâmicas em relação ao patrimônio que nem sempre acontecem de forma espontânea. A exemplo temos a urbanização que ocorre de forma desordenada e nem sempre acompanham os trabalhos de pesquisa sobre o patrimônio. Ora, esse pensamento ganha margem através da supervalorização do novo imposta pelo paradigma do pensamento linear de modernidade, nesse sentido é muito fácil perceber a manipulação da memória coletiva de identidades forçadas forjadas e o consumo em massa.

Em Manaus essa onda não é diferente e faz com que a cultura material onde reside nossa história e memória seja negligenciada omitida e soterrada. Precisamos de planos de salvaguarda e, mais ainda, precisamos sustentar nossas ações em prol do patrimônio.

A arqueologia histórica em Manaus deve ser e ter condições de estabelecer um diálogo e parcerias com a finalidade única: salvaguardar os bens culturais. Ao considerar essas questões percebe-se que a arqueologia histórica tem um grande desafio junto às políticas públicas, à academia e à sociedade Manauara: o estabelecimento de uma comunicação em que se leve a uma prática cultural não só de conservação como também de pesquisa e extroversão

Destarte, o que nos fica claro é que existe uma preocupação em se construir uma gestão participativa para que se possa ampliar os trabalhos de arqueologia histórica na cidade de Manaus, e possuindo um caráter interdisciplinar, percebemos o quão importante são os estudos da cultura material desenvolvidos e a necessidade de sua divulgação para a construção de conhecimento e relações entre história, identidade e memória.

Referências

AGASSIZ, E. C.; AGASSIZ, L. **Viagem ao Brasil 1865-1866**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

CORRÊA, M. V. M. **Da Capela Carmelita a Catedral Metropolitana de Manaus (AM): Uma Arqueologia da Arquitetura**. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. 2005. (Tese).

CORRÊA, M. V. D. M. & IRIBARREM, C. G. Mercado municipal Adolpho Lisboa- Manaus (AM) Arqueologia e Restauração. In: **XI Cidade Revelada**. Itajaí. P. 1-20, 2009.

COSTA, D. M. Arqueologias históricas: um panorama temporal e espacial. **Vestígios –Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**. .4, n.2, p. 9-38, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/11892/8629>. Acesso em: 23 maio 2020.

FUNARI, P. P. Teoria e Métodos na Arqueologia Contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica. **Dossiê Arqueologias Brasileiras**, v6, n.13, dez.2004/jan.2005. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/267/243>. Acesso em: 23 maio 2020.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1 ed., 13 reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: IPHAN / DEMU, Coleção Museu, Memória e Cidadania, 2007.

HOBBSAWM, E. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

HOBBSAWM, E. J. **A era dos impérios 1875-1914**. Tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão técnica Maria Célia Paoli. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LE GOFF, J. **Por amor às cidades**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

LIMA, H. P.; MORAES, B. Produção de conhecimento e preservação em debate: aspectos da arqueologia na cidade de Manaus. **Revista de Arqueologia**. V23, n. 1, p. 90-107, 2010.

LIMA, T. A. Arqueologia Histórica: Algumas Considerações Teóricas. **Clio – Série Arqueológica** [S.I.], v. 5, 1988.(Artigo em Periódico Digital).

MAXWELL, K. **Marquês de Pombal – Paradoxo do Iluminismo**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

MESQUITA, O. **Manaus: História e Arquitetura – 1852–1910**. 3. Ed. Manaus: Editora Valer, Prefeitura de Manaus e Uninorte, 2006.

ORSER JR., C. E. **Introdução à Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1992.

PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, nº 53, junho de 2007.

PORRO, A. **O povo das águas. Ensaios de etno-história amazônica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SAMPAIO, P. M. **Espelhos partidos: etnia, legislação e desigualdade na colônia**. Manaus: EDUA, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2012.

SANTOS, F. J. **Nos confins ocidentais da Amazônia portuguesa: mando metropolitano e prática do poder régio na Capitania do Rio Negro no século XVIII**. 2012. 337 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

SANTOS, T. L. P. Lugares de Nossas Memórias: A Baratinha. In: **XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS**, Florianópolis, 2015.

SANTOS, T. L. P.; MEDEIROS, S. L.; RAMOS, T. R.; FERNANDES, F. O.; RABELO, M. A. S. B. OS “ATIVOS CULTURAIS” E A GESTÃO DO PATRIMÔNIO: A pesquisa numa instituição de guarda e endosso institucional. In: **Anais do Seminário Internacional em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia**, v. 5. Manaus: EDUA. 2018.

SOUZA, L. J. B. Manaus: da “Zirma” dos viajantes a “Maurilia” dos historiadores. **Cordis:Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, [S.l.], n. 1, jul. 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/cordis/article/view/10313/7698>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SCHWEBEL, J. A. Collecçam dos prospectos das Aldeas, e lugares mais notaveis que se acham em o Mapa que tiraram os Engenheiros de Expedicam principiando da Cidade do Pará the a Aldea de Mariua no Rio-Negro onde se acha o Arrayal, alem dos prospectos de outras tres ultimas Aldeas chamadas Camará, Bararuâ, Dari; situadas no mesmo Rio [...]. 1756. Acesso em: 03/06/2020. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1095066/mss1095066.pdf